

## BARTLEBY ENTRE AS DUAS MORTES

## BARTLEBY BETWEEN TWO DEATHS

Leandro Rodrigues Torres<sup>1</sup>  
Paulo Henrique Raulino dos Santos<sup>2</sup>  
Charles Albuquerque Ponte<sup>3</sup>

### RESUMO

Esta pesquisa faz uma análise da personagem Bartleby, do conto “Bartleby, o escrivão” (2012), escrito por Herman Melville. O foco é própria personagem e analisando a partir da negatividade žižekiana situada entre a interpretação de Agamben (2015), Bartleby como o ser em potência, e a leitura patológica de Byung-Chul Han (2017). Esta análise considera que o escrivão é impedido de se configurar como sujeito por ser a pura subjetividade, de acordo com a teoria Lacaniana e, conforme Slavoj Žižek (2008; 2013; 2017), está no nível zero da humanidade. Assim, na diegese da obra, Bartleby é o Real sem a verdade Simbólica, sem uma estrutura de vida que possa ser organizada em uma narrativa. Sua experiência com o mundo não é traumática pela falta do embate entre o ideal do Eu e o Eu ideal. Na narrativa de Melville, o simbólico não mutila o Real, mas o Real mutila o simbólico.

**Palavras-chave:** Bartleby; Materialismo lacaniano; Giorgio Agamben; Slavoj Žižek.

### ABSTRACT

This research analyzes the character Bartleby, from the short story “Bartleby, the clerk” (2012), written by Herman Melville. The focus is on the analysis of character itself based on žižekian negativity situated between the interpretation of Agamben (2015),

---

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente da Educação Básica na Secretaria de Estado da Educação, da Cultura, do Esporte e do Lazer do Rio Grande do Norte. Encanto. Rio Grande do Norte. Brasil. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: [leandrotrorresrodrigues@gmail.com](mailto:leandrotrorresrodrigues@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9625-7844>.

<sup>2</sup> Mestre em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Docente na Universidade Federal Rural do Semi-Árido. Caraúbas. Rio Grande do Norte. Brasil. Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: [paulohraulinos@gmail.com](mailto:paulohraulinos@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2936-7714>.

<sup>3</sup> Doutor em Letras pela Universidade Estadual de Campinas. Docente na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. Pau dos Ferros. Rio Grande do Norte. Brasil. E-mail: [ca\\_ponte@yahoo.com.br](mailto:ca_ponte@yahoo.com.br). ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4342-6928>.

Bartleby as a potential being, and the pathological reading of Byung-Chul Han (2017); this analysis considers that the scribe, paradoxically, is prevented from being configured as a subject because he is pure subjectivity, according to the theory of Jacques Lacan (1988) and according to Slavoj Žižek (2008; 2013; 2017) he is in the zero level of humanity. Thus, inside the narrative, Bartleby is the Real without a symbolic truth, without a life structure that can be organized into a narrative. In other words, Bartleby's experience with the world is not traumatic because the lack of the tension between ideal ego and ego ideal. In Bartleby's story the Symbolic does not mutilate the Real, but the Real mutilates the Symbolic order.

**Keywords:** Bartleby. Lacanian Materialism. Giorgio Agambem; Slavoj Žižek.

**Artigo recebido em:** 23/07/2023

**Artigo aprovado em:** 23/12/2023

**Artigo publicado em:** 15/03/2024

## INTRODUÇÃO

O conto "Bartleby the Scrivener" escrito por Herman Melville (1819-1891) e publicado em março de 1853 na revista novaiorquina *Putnam's Monthly Magazine*, narra a história de Bartleby, um escrivão locado em escritório de advocacia no centro estadunidense do capitalismo, a *Wall Street*. A princípio, apresenta-se a personagem como um funcionário perfeito que trabalha sem resistência e com produtividade extrema. Entretanto, Bartleby, inesperadamente, passa a negar-se qualquer realização de trabalho usando a fórmula "*I would prefer not to*"<sup>4</sup>. A medida em que a narrativa avança, o leitor descobre que ele não tem família, mora no escritório e, quando para de trabalhar, perde seu vínculo final com o mundo capitalista, passando seus últimos dias na cadeia.

A partir das inúmeras leituras da narrativa realizadas, parece haver uma constância de tanto materialistas quanto metafísicos lerem Bartleby como um exemplo de resistência ao capitalismo, um tipo de metáfora do escritor, da indecidibilidade

---

<sup>4</sup> Em tradução livre, "Eu preferiria não".

derridiana ou mesmo como corporificação da pura potência. Apesar da fortuna crítica/teórica constituída em torno do texto, é imprescindível expandir o horizonte de interpretações já realizadas do conto, pois, a grandeza de uma obra só pode ser afirmada a partir de sua produtividade interna. Havendo esse espaço, este artigo pretende realizar uma apreciação crítica e expansiva do texto intitulado “O caso Bartleby”, do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, com sua concepção patológica da personagem, e da interpretação de Agamben (2015) que toma Bartleby como o ser em potência, a partir de suas interpelações com negatividade žižekiana (2008; 2013; 2017).

Não será questionada a contribuição de nenhuma dessas teorias para a academia; no entanto, acredita-se que elas possam ser discutidas e aprofundadas a partir de algumas lacunas deixadas pelos seus autores, principalmente, no que se refere às análises patológicas feitas sobre a personagem Bartleby. Primeiramente, discute-se como Agamben e Han entendem a posição de Bartleby, em muito, em paralelo à análise das personagens Turkey, Nippers e Ginger Nut. Em seguida, ao focar-se novamente na análise apenas em Bartleby, aponta-se a impossibilidade dela de, por um lado, romper com a reificação capitalista, e, por outro, desenvolver qualquer patologia necessária para o bom funcionamento dentro da sociedade capitalista. Por fim, conclui-se que Bartleby se torna, ao término da trama, um ponto de subversão, apresentando-se como sujeito que corrompe a si mesmo exatamente no espaço em que o capitalismo o corromperia com mais ímpeto, tornando-se parte de uma parcela sem parcela dentro de seu funcionamento social.

## **A PURA SUBJETIVIDADE BARTLEBIANA**

Byung-Chul Han concebe Bartleby como o ser da sociedade de desempenho, que não fracassa em ser si mesmo, mas definha pelo excesso de positividade e possibilidades. Nele, “Todos os esforços em favor da vida levam à morte” (HAN, 2017,

p. 66). Em sentido lacaniano, isso significaria que Bartleby não conhece a tensão entre a linguagem e seus desejos; não há “[...] a mutilação [que] serve aqui para orientar o desejo” (LACAN, 2002, p. 409-410). Seu sujeito não está em conflito com o simbólico e o gozo, mas limita-se apenas pelas fronteiras linguísticas. Seu mundo não está “para-almém” do universo criado pela dimensão simbólica, o que elabora um paradoxo a partir do qual o sistema linguístico é não apenas a prisão que Bartleby habita, mas, igualmente, o caminho para a liberdade de seu vazio existencial. Entretanto, é também o seu alinhamento a linguagem, ou ao vazio dela, que torna a sua condição impossível de ser simbolizada. Mas a existência de Bartleby não se esvazia apenas quando toma sentido, mas exatamente quando é preenchida por um vazio que não consegue se tornar sujeito, que, paradoxalmente, permanece na pura subjetividade: nele, todos os esforços em favor da morte levam à vida.

No início de sua interpretação, Byung-Chul Han afirma que Turkey e Nippers “formam um polo oposto a Bartleby” (HAN, 2017, p. 60). Todavia, a contiguidade das personagens é exposta no fato de que um complementa o outro e eles só podem ser opostos a si mesmos no nível da distinção entre o Eu ideal e o Ideal do eu. Turkey é um homem de mais idade, que desenvolve com facilidade o seu trabalho na parte da manhã pela experiência e conhecimento de sua função. Entretanto, à tarde, quando o almoço entra em digestão, se torna incapaz de manter a mesma qualidade no serviço; uma vez cansado, o Id sofre por causa do Super-eu capitalista, por sua improdutividade. Por sua vez, Nippers, o copista mais jovem, não apresenta bom desempenho pela manhã, segundo a narrativa, por falta de experiência, problemas digestivos e desajuste da função que exerce; entretanto, após o almoço, trabalha bem à tarde, muito em benefício de seus próprios desejos capitalistas. Em ambos, trai-se o instinto próprio em benefício da conservação da ordem social,

O meio termo se encontraria na Ginger Nut, um jovem que ainda não chegou na idade adulta, e, por ainda não ser totalmente iniciado nos trâmites do capitalismo, vive sua vida como em uma casca de noz que forma sua identidade; ele ainda não

apresenta ambição, ou experiência profissional, e cumpre tarefas simples em troca de um salário baixo de iniciante no escritório, ainda em processo de formação e introjeção das leis, característica ilustrada pelo fato de ser aprendiz de direito e órfão (na psicanálise a lei é representada pelo pai ou por alguém que o substitua). Analogamente, aqui vemos Ginger Nut na mesma situação social do homem do campo (igualmente sem nome) do conto "Diante da lei", de Franz Kafka (2011), no qual um camponês está diante da porta aberta da ordem, mas não pode entrar na passagem feita para ele. Quando pergunta ao porteiro se pode entrar, o homem lhe responde: "volte mais tarde"; da mesma forma, Ginger Nut ainda não superou a sua imaturidade, não está autorizado a desenvolver outras tarefas por ainda não estar adaptando ao mundo do trabalho (jurídico).

O encontro entre as personagens e a passagem para o outro lado da lei apresenta um sentido psicanalítico. Nele, vemos o paradoxo do desejo, que surge a partir da busca por um significante-mestre que sirva como um princípio regulador da vida. Longe de privar o sujeito do desejo, ordem (jurídica) funciona exatamente como mecanismo de preservação do desejo. É na ânsia pela conquista, também ela uma ânsia por preservar a si mesma e, que o desejo surge sempre como impossibilitado de se efetivar por completo. O desejo surge simultaneamente também como desejo pela manutenção de si mesmo que impede sua consolidação. Nesse sentido, o homem do campo kafkiano inconscientemente prefere não entrar na porta e, desse modo, evitar o encontro traumático com o vazio que sustenta a sua realidade social. É importante ressaltar que, com exceção de Bartleby, todas as personagens do conto estão na porta da lei.

Como uma espécie de síntese extrema negativa e foracluída<sup>5</sup> das relação socio-simbólica entre Turkey, Nippers e Ginger Nut, encontra-se Bartleby, o trabalhador em

---

<sup>5</sup> Aqui o termo adquire dois sentidos, o primeiro indica que Bartleby está dentro e fora da realidade capitalista, e o segundo mostra que a identidade de todos os outros escriturários depende de uma fantasia que encubra o fato de que a vida deles é tão vazia quanto a do copista.

---

tempo integral, “à luz do sol e à luz de velas” (MELVILLE, 2012, p. 28-29)<sup>6</sup>, sem problemas de indigestão e que mora no trabalho. Por outro lado, não podemos esquecer que o excesso da exploração capitalista é também sua falta (cf. ŽIŽEK, 2008; 2017). Bartleby não tem sua ancoragem na fetichização imaginária de si mesmo, uma metáfora do trabalhador excluído do simbólico/social e que ao mesmo tempo transcende a realidade como um ponto nulo entre as três personagens. Seu domínio é o da forclusão na dinâmica capitalista: nele, efetiva-se a própria suspensão da ordem social e da causalidade das relações capitalistas. Em Bartleby, não existe conflito entre seus desejos e suas obrigações sociais; para ele, ambos inexistem. A personagem está no nível zero da humanidade, sem sentimentos, sem desejos, sem egoísmo e vive para atender suas necessidades básicas. Se há desejos, eles estão ancorados na biologia, o puro desejo da lamela (cf. ŽIŽEK, 2017) morta-viva, o resto indivisível da humanidade que consegue enxergar o Objeto *a* em sua inconsistência substancial, a morte.

A fórmula (da negatividade) “*I would prefer not to*”<sup>7</sup> expressa ausência de subjetividade: o futuro do pretérito “preferiria” elabora uma inexistência de desejo no copista, condição necessária para preferir, possível somente a partir de um significante-mestre que estruturasse a realidade como percepção da falta. Abre-se, assim, lacuna para o mundo psíquico; mas esse mundo psíquico é um horizonte no qual Bartleby não tem condições de existir, mas que o coloca em posição de garantir a sua existência autêntica e puramente subjetiva ao unificar-se ao próprio vazio existencial.

Em sua análise do conto, Agamben (2015) concorda com a ideia lacaniana de que o vazio precede a identificação/criação. O que distingue ambos é o fato de que o psicanalista toma a lacuna como a pura subjetividade do ser, enquanto o autor italiano

---

<sup>6</sup> “by sunlight and by candlelight” (MELVILLE, 2009, p. 9).

<sup>7</sup> Optamos pela expressão original em inglês, a tradução em português afeta o sentido de nossa interpretação. No entanto, a fórmula “Eu preferiria não” também pode representar a falta de subjetividade de Bartleby.

postula que o nada deve ser extinto para então existir o sujeito/algo. A partir dessa premissa, temos o giro dialético inevitável que une a oposição entre o ser e o nada postulados por Agamben. Em outros termos, Bartleby não se limita a ser a pura potência, mas é o puro ato em sua conservação e efetivação, o curto circuito da relação entre o ser e o nada no qual não podemos identificar onde um começa e o outro termina. O escriturário “não se vê confrontado com aquele imperativo de ter de ser ele mesmo, que marca a sociedade de desempenho pós-moderna” (HAN, 2017, p. 62). Como consequência da ausência do imperativo, a personagem pode escolher não ter uma imagem de si, elaborando-se a partir de sua realidade empírica inacessível, não no sentido de realidade simbólica, mas em seu extremo oposto, o núcleo duro do Real traumático. Bartleby é um ser ôntico alinhado a si mesmo, sem a fenda metafísica da ontologia humana; em outras palavras, falta-lhe a lacuna constituinte dos sujeitos que impele à ação para satisfazer os desejos, bem como o embate do Eu, o ser da subjetividade, com o Supereu, os valores éticos construídos socialmente, e o Id, o lado humano selvagem. Seguindo esse mesmo raciocínio, podemos constatar que a falta da mutilação simbólica, da inscrição do vazio, nos permite destacar aqui que o gesto autêntico bartlebyano é a identificação com o nada, o ato ético impossível de ser traduzido nos atos de fala.

Não acessar a realidade através da linguagem é uma condição inevitável do ser humano, fadado a representar-se somente no nível do simbólico. Na narrativa, Bartleby transita no extremo dessa linguagem, simultaneamente aprisionado no Real e em plena liberdade linguística, no ponto em que o simbólico é incapaz de matar a Coisa e só resta o Nada. Dito de outra forma: sem sua castração simbólica, Bartleby deve sempre ser livre, sem desejos e, conseqüentemente, sem o prazer da busca, sem o sofrimento ou frustração de alcançar aquilo que se deseja. Isso pode ser constatado na ausência de um verbo de movimento na expressão “*I would prefer not to*”, que termina na iminência da preposição, mas sem o complemento que indicaria a direção do movimento (ou sua recusa). Bartleby, então, passa a representar na trama uma

forma própria de mutilação da realidade social, expondo o vazio da existência simbólica capitalista.

Segundo Giorgio Agamben (2015), o escriba, como deus, cria as leis naturais e o mundo a partir do movimento de sua pena que invoca o verbo divino e o institui de maneira retroflexiva. Toda atividade de inteligência é, para ele, um exercício de criação. Na narrativa, Bartleby emularia a ação da máquina que o substituirá nos séculos posteriores: sua criação é alienada, já que ele deve sempre reproduzir o que está escrito nos documentos sem qualquer alteração<sup>8</sup>. Ele se torna aquilo que a linguagem faz dele, uma cópia *ipsis litteris* do simbólico, sem a necessidade de ser revisada, repensada ou ajustada. Por outro lado, se exagera-se o seu ajustamento ao simbólico, percebe-se que seu alinhamento revela o real oposto da ordem vigente, evidenciando a sua incapacidade de representar minimamente um desejo através de um significante da realidade, sustentada somente pela falta da lacuna entre a própria realidade e o Real.

Contrário à hipótese defendida por Byung-Chul Han (2017) de que Bartleby tem neurastenia/depressão, sendo representante de uma libido sem ponto de ancoragem no Eu ou em um objeto de desejos, o que parece surgir é o fato de que, qualquer interpretação patológica somente se sustenta se entendida como o seu oposto, é patológica exatamente porque é uma resistência a qualquer tipo de psicopatologia. Bartleby não possui uma fantasia primordial, um traço “patológico” que organiza a realidade a partir da lacuna de uma ordem positiva que possibilite a sua inscrição nessa mesma ordem fruto de sua própria ausência. Expressão dessa relação com a linguagem é a função desempenhada por ele em seu emprego anterior nos correios, no

---

<sup>8</sup> Nos dias atuais, podemos ver a radicalização extrema disso com a inteligência artificial assumindo o papel do criador (algoritmos escrevem livros e compõem músicas), enquanto os sujeitos, sob influência da indústria cultural, são controlados pelo semblante da liberdade, um poder abstrato e amorfo que molda em suas vidas desde o desejo mais íntimo até a objetividade da realidade empírica (ADORNO; HORKHEIMER, 2006).



setor de “*Dead Letters*”<sup>9</sup>. Bartleby desacredita do mundo linguístico ao mesmo tempo em que sua vida se reduz a ele. Sua liberdade depende do fato de ele não estar submetido ao simbólico, mas ser o ponto de suspensão/subversão da ordem que resiste à sua inscrição, só podendo ser representado pelo gesto negativo de preferir o Nada. Entretanto, como consequência, sua letra é sempre morte, sem vida diante da demanda simbólica capitalista que se encontra inserido.

Em sua coletânea de textos desconstrucionistas, Barbara Johnson (1980) argumenta que outro personagem de Melville, Billy Budd, atua por meio da força performativa dos significantes, agindo a partir de verbos, criando as condições de sua existência através da narrativa de sua vida numa espécie de afirmação retroalimentativa da realidade simbólica. Em contraposição, como uma outra face da existência humana literária, vê-se Bartleby performando sua atuação/existência no nível do Real, suspendendo a ordem simbólica e expondo a violência da realidade (psicótica) construída socialmente. A personagem descortina o mundo capitalista como produto do que desejamos ao demonstrar o que somos/desejamos de fato: o vazio. Sua existência/resistência expõe o ponto de subversão da ordem simbólica capitalista, o marco onde é possível estruturar uma nova ordem simbólica.

Neste sentido, a personagem renuncia à própria vida para vivê-la sem as condições mínimas de sua sobrevivência social. Quando é impedido de ir para o trabalho, já que não desempenhava mais a função que havia sido contratado para desempenhar, ele deixa de comer e dormir e tem as suas necessidades básicas insuficientemente supridas. Como descrito pelo narrador: “Examinando o local mais cuidadosamente, supus que, por um período de tempo indefinido, Bartleby provavelmente comera, vestira-se e dormira em meu escritório, e tudo isso sem prato,

---

<sup>9</sup> O termo em português significa “cartas extraviadas”, para conservar e reiterar a ideia de morte simbólica optamos por utilizar o termo em inglês que significa, em tradução livre, “letras/cartas mortas”.

espelho ou cama”<sup>10</sup> (MELVILLE, 2012, p. 46). Segundo os padrões sociais, ele reduz sua vida a uma não vida, que toma a forma de uma morte simbólica em oposição a existência real. O trabalho torna-se um fim em si mesmo, tanto, que quando adquire um suposto problema no olho, o indivíduo para de trabalhar e continua ocupando o seu lugar de trabalho, até ser preso, isolado socialmente por não cumprir sua função dentro da ordem capitalista.

Por um curto espaço de tempo, o que ainda mantinha, o vínculo socio-simbólico entre Bartleby e a realidade era o trabalho. Ele apenas sucumbe de vez quando, oferecendo resistência, é impedido de trabalhar, sendo obrigado a abandonar seu posto. O pensamento marxista postula que qualquer coisa que possa oferecer perigo ao capitalismo é cooptada por ele ou destruída. Assumindo uma postura mais radical, Bartleby integra-se ao impulso de morte que desintegra essa ordem, performando um ato autêntico de resistência ao negar ter o próprio desejo simbolizado. Ele resiste à castração simbólica que possibilita a inscrição da falta no sujeito (a percepção do vazio que impele os sujeitos a ação), é esse movimento puramente subjetivo que lhe permite encarar o vazio e garante a sua existência/resistência autêntica.

A inconsistência do grande Outro capitalista demanda a prisão da personagem e sua posterior aniquilação por intermédio da segunda morte como punição pela sua incapacidade de ser aprisionado à cadeia dos significantes. No entanto, além do fato da violência do encarceramento, não é possível notar o poder coercitivo do Estado dentro da cadeia, e, ao que tudo indica, Bartleby opta pela própria morte natural, uma causa puramente biológica de sua desnutrição, que poderia ter acontecido em qualquer outro lugar se considerarmos que o copista é indiferente à realidade social. Assim, é impossível afirmar ou negar categoricamente o prazer ou o sofrimento vivido

---

<sup>10</sup> Upon more closely examining the place I surmised that for an indefinite period Bartleby must have ate, dressed, and slept in my office, and that too without plate, mirror, or bed (MELVILLE, 2009, p. 22).

---

pela personagem, ou ainda definir se eles ocorrem para além dos muros da prisão ou dentro deles.

Em algumas publicações, o impasse da linguagem e do mundo real aparece também no título "*Bartleby, The Scrivener: a story of Wall-street*"<sup>11</sup>. Apesar de ser explicativo, os dois pontos podem ser considerados um muro linguístico, uma pausa separando o escriturário da própria idealização de Wall Street; simultaneamente o posicionando dentro e fora das fronteiras, representando sua experiência não mediada pela glamourização da vida, mas como uma história de Wall Street sem fetiche. É importante destacar que o próprio termo "*Wall*" significa muro, um muro empírico que priva a liberdade dos seres, mas que, no fim da trama, se mostra incapaz de aprisionar o copista.

Em sua análise do sistema capitalista, Theodor Adorno e Max Horkheimer (2006) fazem uma analogia do capitalismo com o episódio das sereias da *Odisseia* (2015). Para eles, o convite capitalista para aproveitar a vida é o canto sedutor das sereias que leva os barcos ao naufrágio. A única forma que Odisseu encontra para gozar dessa situação sem sucumbir à experiência sublime/monstruosa é amarrando-se ao mastro do navio, enquanto os outros marinheiros, para não serem seduzidos e se concentrarem no trabalho de remar, tapam os ouvidos com cera. O que fica claro aqui é que aqueles que gozam do capitalismo não estão livres das amarras dos mastros e, por outro lado, aqueles que não gozam da situação estão encarregados do trabalho. A ideia de liberdade defendida pelo mercado só existe diante da interpelação ideológica que cria essa mesma noção ao passo que subjuga e aliena os sujeitos. Assim, quanto mais o sujeito se acha livre, mais aprisionado está. Não estaria Bartleby ao lado daqueles que não conseguem ouvir o canto das sereias?

Todavia, com os ouvidos livres da cera e sem ser afetado pelo canto "ideológico" do capitalismo, o escrevente está no domínio da pura liberdade, livre de

---

<sup>11</sup> *Bartleby, o escriturário: uma história de Wall Street*

qualquer noção ideológica de não aprisionamento. A personagem já não está onde ela deveria, mas ultrapassou o ponto em que deveria ter-se constituído. Toda análise psicológica é inviável porque, nela, o aspecto psicológico inexistente, mas se torna impossível identificar qualquer patologia. Mesmo o narrador não consegue ter acesso à dimensão psicológica de Bartleby. A narrativa é contada predominantemente em terceira pessoa, com algumas intromissões do narrador em primeira pessoa. *Bartleby, o escrevente* é uma história que somente pode ser contada a partir da periferia. Há uma distância mínima entre o que o narrador testemunha e o que o leitor sabe. Ambos caminham juntos na busca do esclarecimento dos fatos, mas permanecem igualmente frustrados. Sobre isso, o narrador afirma “[...] troco as biografias de todos os outros escriturários por algumas passagens da vida de Bartleby, o escriturário mais estranho que jamais vi ou de que ouvi falar” (MELVILLE, 2012, p. 13). Paradoxalmente, é este o verdadeiro acontecimento que suspende a ordem e expõe a fragilidade da personagem através da impossibilidade de ser representado nos termos da situação vigente. É nesses termos que se torna possível ler Bartleby como o excesso/falta da opressão capitalista, uma verdade revelada naquilo que aparenta ser seu extremo oposto.

O copista não consegue atravessar o limite básico da humanidade, ainda que seja constituído por características estritamente humanas. De fato, por vezes, a personagem deixa de reagir ao seu entorno, semelhantemente aos judeus vítimas do holocausto na Segunda Guerra Mundial que, após passarem por um processo de vulgarização e desintegração social, cessavam de responder aos estímulos básicos, sobrando apenas um resto humano indivisível. Bartleby se equipara à própria existência do morto-vivo: “Então ele se alimenta de bolinhos de gengibre, pensei; nunca faz uma refeição de verdade, por assim dizer; ele deve ser vegetariano, então; mas, não; ele nunca come sequer vegetais, não come nada além de bolinhos de

gingibre”<sup>12</sup> (MELVILLE, 2012, p. 37). A indiferença aos estímulos externos é ilustrada pela constatação de que o gengibre, apesar de sua propriedade picante, é incapaz de causar-lhe alguma mudança de comportamento.

Assim, a personagem é situada no espaço onde podemos encontrar outras personagens da literatura, como o senhor Valdemar, de Poe (1981), ou ainda Édipo e Antígona, de Sófocles (2005); o domínio mitológico da lamela lacaniana no qual o indivíduo se integra à libido imortal (o ponto pré-sexualizado do sujeito). Dito de outro modo, Bartleby é o sujeito sem a sombra daquilo que o mundo não é, sem o objeto pequeno *a* que paradoxalmente mantém a realidade distorcendo-a. No nível social, o copista representa o ponto do Real sem a Verdade simbólica, tornando impossível historicizar a vida bartlebiana.

Ao contrário dos sujeitos alinhados ao capitalismo, o copista para de trabalhar por decisão própria e pelo acaso, mesmo sem ter uma vida estável ou qualquer tipo de segurança financeira. Sua existência é sempre já fantasmagórica, sem conexões com a realidade criada pelo simbólico: “O senhor B... – disse, apontando para o advogado – já o expulsou de sua sala, e agora ele insiste em assombrar todo o edifício, sentado nos corrimões das escadas durante o dia e dormindo na entrada à noite”<sup>13</sup> (MELVILLE, 2012, p. 76). A sua existência passa a sua forma Real sem o vínculo Simbólico, nem vivo, nem morto, mas como um espectro no limite entre a vida Real e a morte Simbólica. A falta de ideologia bartlebiana interfere em sua relação com o mundo construído socialmente, passando a assombrar as pessoas que são igualmente aniquiladas pelo mercado financeiro, mas que resistem à sua destruição simulando sua própria existência material. Em algum ponto, o capitalismo torna a vida de todos

---

<sup>12</sup> He lives, then, on ginger-nuts, thought I; never eats a dinner, properly speaking; he must be a vegetarian, then, but no; he never eats even vegetables, he eats nothing but ginger-nuts (MELVILLE, 2009, p. 16).

<sup>13</sup> Mr. B— —,” pointing to the lawyer, “has turned him out of his room, and he now persists in haunting the building generally, sitting upon the banisters of the stairs by day, and sleeping in the entry by night (MELVILLE, 2009, p. 41).

---

mecânica e sem sentido. As pessoas deixam de experienciar a própria existência, passando a repetir gestos automáticos, ou a comer sem sentir o gosto daquilo que comem; ou, ainda, cessa o afeto pelo que fazem ou por outras pessoas, deixando de acreditar que são parte da natureza e perdendo a capacidade que os diferencia dos outros animais. Como expôs Christopher Lasch (1984), em seu texto “A ‘pesquisa comparada da sobrevivência’: situações extremas e tensão cotidiana”, não existem ensinamentos morais possíveis dentro da narrativa de Auschwitz. Qualquer um que busque extrair uma “moral da história” corrobora para que a sobrevivência cotidiana se assemelhe cada vez mais à vida privada de qualquer coisa que não seja a própria existência precária:

Uma vez que os campos de concentração passaram a ser vistos como uma fonte de inspiração e de ‘ensinamentos’ morais, mostrou-se cada vez mais difícil sustentar a distinção entre as estratégias de sobrevivência e as ações destinadas a ‘dar significado à sobrevivência’ (LASCH, 1984, p. 112).

Os esforços humanos se direcionam não mais para dominar a natureza em benefício de si, mas para se adaptar ao desenvolvimento tecnológico, desprezando algo como os vínculos naturais e a própria existência social, na medida em que intensificam essa conexão por intermédio do trabalho. O Eu deixa de ser mínimo e passa a ser nulo, vivendo como apêndice das máquinas que constrói, conforme Theodor Adorno e Max Horkheimer (2006). Assim, a existência situa-se em um ponto neutro, nem na positividade dos desejos nem na negatividade da falta do que se deseja.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Bartleby é a expressão do real laciano, uma vez que suas necessidades são demasiadamente humanas. Exatamente por isso existe a anulação do seu lugar como sujeito. Bartleby não pode ter sua vida negada, mas igualmente não pode ter a sua morte declarada. Por ser minimamente humano, ele preenche o espaço entre a morte

real e a vida simbólica, não indo além do nível zero da humanidade, mas habitando-a como um espectro.

É importante destacar aqui que para Žižek (2013; 2017) o extermínio é um tipo de morte simbólica. Após a desintegração social, o que sobra é o nada, um tipo de liberdade suprema. Nessa mesma linha de raciocínio, tanto o pensamento hegeliano filosófico quanto a psicanálise lacaniana concordam ao afirmar que o sujeito é a negatividade da falta, de modo que concebê-lo a partir da positividade seria um equívoco. Ontologicamente, o que nos define é um traço negativo. Bartleby seria, assim, a própria lacuna; seu ato ético autêntico é a transcendência do mundo simbólico – sua expulsão violenta da ordem. Ele é o vazio ontológico humano potencialmente reconfigurado e a forma física dessa mesma potência reconfigurada em ato. Assim, seu reconhecimento enquanto resto humano indivisível de pura resistência é o que perturba a ordem social capitalista e o torna humano em demasia.

As leituras que reduzem o conto a uma análise da reificação em Bartleby (Agamben) seriam insuficientes por apontarem para um ponto de fracasso da reificação: concluem que, de alguma forma, Bartleby resiste a força capitalista ao se apresentar como crítica do sistema. Segundo elas, para preservar a vida em sua forma mais pura, a essência ontológica esvazia a sua existência, de modo que um sujeito não-reificado se tornaria o próprio ponto inalcançável da ordem. Entretanto, o que Bartleby parece fazer é simultaneamente preservar essa potência e efetivar o ato, retroalimentando-o e revelando o vazio ontológico da ordem simbólica/capitalista. O escriba expõe o fato de que só é possível transgredir a ordem a partir do abandono radical dela, a renúncia a própria existência na realidade cuja inscrição simbólica culmina no esfacelamento da ordem e de si mesmo.

Igualmente insuficiente seria a análise patológica (Han) quando apenas aponta para o fato de a personagem não conseguir se configurar como sujeito, sendo essa a condição primeira para que a análise patológica possa diagnosticar algum distúrbio psíquico. O que aconteceria, de fato, na personagem, é um desnudamento da falta de

sentido da vida: ele é o real traumático que perturba a ordem e expõe a realidade que só consegue se constituir a partir de uma fantasia. O que falta em Bartleby é exatamente uma patologia que o permita introjetar-se na realidade em seu nível social, como semblante do Real vazio sustentado pela própria lacuna ontológica. Sua existência fantasmática se equipara ao que Lacan (1988) chamou de lamela, o ser enquanto impulso de morte sem sua simbolização, e ratifica a teoria do domínio do imortal/morto-vivo entre as duas mortes. Assim, a morte real, biológica, para Bartleby, se configura como um detalhe em face da destruição do universo dos significantes, da morte simbólica que precede tal acontecimento.

O que *Bartleby, o escrivão* parece evidenciar é que aquilo que aparenta ser a nossa dimensão humana pode ser também o seu inverso ideológico. O real humano toma na narrativa a forma de um semblante que só se sustenta dentro de uma realidade constituída socialmente. É na resistência à integração com um mundo simbólico que tornamos o “inumano” aquilo que somos de fato, o próprio núcleo duro da humanidade que resiste a seu processo de historicização. Assim, é inevitável a constatação de que o ser é o nada e, neste sentido, preferir o nada é resistir a sua inscrição na ordem; é viver livre do capitalismo, mas pagar o preço de uma vida alinhada ao vazio sem a máscara da morte.

A mutilação do real exercida pelo simbólico abre espaço para a existência social, enquanto que uma mutilação inversa tem o efeito contrário. O que deixa de ser notado pelas personagens na narrativa é que o problema não são eles, mas o próprio sistema que tenta reificá-los e os desumaniza ao humaniza-los em excesso. Bartleby, diferente dos demais, se torna o ponto de subversão dessa ordem, ao apresentar uma demanda que não se corrompe mesmo onde o capitalismo atua com mais ímpeto. Isto posto, não poderíamos concluir esta análise de outro modo, senão lamentando como



o próprio narrador da estória, “Ah, Bartleby! Ah, humanidade!”<sup>14</sup> (MELVILLE, 2012, p. 89).

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, T.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.
- AGAMBEN, G. **Bartleby, ou da contingência**. 1.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.
- HAN, B.-C. **Sociedade do cansaço**. 2.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2017.
- HOMERO. **Odisseia**. 25.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.
- JOHNSON, B. **The critical difference: essays in the contemporary rhetoric of reading**. Baltimore: The Johns Hopkins University Press, 1980.
- KAFKA, F. Diante da lei. In: **Franz Kafka essencial**. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2011. p. 101-108.
- LACAN, J. **O seminário, Livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1988.
- LACAN, J. **O Seminário, livro 6: o desejo e sua interpretação [1958-59]**. 1.ed. Porto Alegre: Associação Psicanalítica de Porto Alegre, 2002.
- LASCH, C. **O mínimo eu: sobrevivência psíquica em tempos difíceis**. 1.ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- MELVILLE, H. **Bartleby, o escriturário**. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 2012.
- MELVILLE, H. **Bartleby, the scrivener: a story of wall-street**. 1.ed. Estados Unidos: HarperCollins Publishers, 2009.
- POE, E. A. **Contos de terror, mistério e morte**. 7.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

---

<sup>14</sup> “Ah, Bartleby! Ah, humanity!” (MELVILLE, 2009, p. 35)

SÓFOCLES. **Édipo Rei ; Antígona**. Tradução de Donald Schuller. São Paulo: Martin Claret, 2005.

ŽIŽEK, S. **The sublime object of ideology**. 2<sup>nd</sup> ed. London: Verso, 2008.

ŽIŽEK, S. **Alguém disse totalitarismo?**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2013.

ŽIŽEK, S. **O sujeito incômodo: o centro ausente da ontologia política**. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2017.